

## TRADUÇÃO

[COMO A CIÊNCIA SE TORNOU DEUS NO FILME “BLADE RUNNER”]<sup>1</sup>Mariana Lins Prado<sup>2</sup>

Em um dos mais aclamados filmes de ficção científica de todos os tempos, Ridley Scott nos presenteia com uma bela e assustadora visão do futuro. É uma visão que deflagrou muitos debates em diversas áreas, incluindo cinema, literatura e ciência. Em “Blade Runner”, lançado em 1982, nos deparamos com uma Los Angeles pós-apocalíptica, imersa em escuridão, chuvas ácidas e decadência. E é neste cenário que três cientistas surgem para, juntos, pintarem uma versão bastante distinta do que seriam a ciência e os cientistas do futuro. Cada um deles tem um propósito no mundo científico e também na sociedade como um todo. Neste artigo, nós apontaremos que essa representação do filme tem origens tanto na literatura como na realidade.

“Blade Runner” tem foco nas aventuras de Rick Deckard, um caçador de recompensas. Seus alvos são *replicantes*, andróides que não se pode distinguir dos humanos. A trama se passa no centro de Los Angeles em 2019. Trata-se de um mundo após um holocausto nuclear, em que o sol está encoberto por partículas nucleares e chuva ácida cai constantemente. Seis replicantes da geração Nexus 6, a mais avançada, escaparam de sua colônia (fora da Terra), onde são usados como mão de obra escrava. O líder dos replicantes, Roy Batty, está em uma missão em busca de mais tempo de vida para si mesmo e para os outros, já que eles possuem uma vida útil de apenas 4 anos – e estão à beira da morte. Roy é um replicante militar, então ele já matou muitas pessoas nas guerras intergalácticas e continua a matar em sua busca por mais vida. A missão de Deckard, por sua vez, é encontrar todos esses replicantes e, de acordo com os termos utilizados pela polícia e pela gigante Tyrell Corporation, empresa responsável pela sua fabricação, “aposentá-los”.

---

<sup>1</sup> Tradução do artigo “How Science became God in Blade Runner” de Tony Schloss. Disponível em <https://schol.wordpress.com/2010/06/05/how-science-became-god-in-blade-runner/>

<sup>2</sup> Jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS-SP). [marianalins.9@gmail.com](mailto:marianalins.9@gmail.com)

Há três cientistas no filme, mas o mais importante deles e, aparentemente, o homem mais poderoso na sociedade retratada, é Tyrell. Ele é o presidente e super-gênio à frente da Tyrell Corporation, uma imensa companhia que fabrica esses replicantes – humanos artificiais, androides escravos que tornam possível aos seres humanos explorar o espaço e colonizar outros planetas. Tyrell é apresentado ao espectador como um onipresente personagem, similar a um deus. Apenas no seu escritório nós vemos alguma essência do sol e um espaço tranquilo. O slogan da sua empresa é “Mais humano que humano”. Ele chama Roy Batty, o líder dos replicantes rebeldes, de seu “filho pródigo”. No filme, Tyrell é representado como a mais alta autoridade científica e os outros constantemente se referem a ele como “gênio”. Além disso, ele parece ser também uma espécie de líder na política e outras instâncias. A polícia aparenta trabalhar cooperando com a Tyrell Corporation, e o escritório da companhia é o maior prédio da cidade. Em verdade, toda a sociedade da obra parece existir ao redor da Tyrell Corporation, e Tyrell é o líder de todo esse universo. Fica rapidamente bastante claro no filme que ciência e tecnologia são duas das mais importantes áreas dessa sociedade. Ao nos apresentar o líder da ciência dessa forma, como um deus, a imagem de Tyrell vai nos levando a acreditar que a ciência é o trabalho dos deuses. Em uma nova teoria da criação, a ciência e a tecnologia são as reais responsáveis pela criação do mundo. Sem os replicantes feitos por Tyrell, nós podemos concluir que as colônias extra-terrestres – que, por sua vez, resultaram na decadência da Terra –, não teriam existido. A ciência se tornou algo que sempre se temeu: a criadora e destruidora de mundos, uma todopoderosa besta, um deus. E Tyrell é a cabeça disto tudo.

Em contraposição a Tyrell, temos o cientista Chu, um engenheiro genético de olhos. Ele trabalha no congelante porão de sua loja – longe do escritório iluminado, banhado pelo sol de Tyrell. Embora Chu tenha criado uma parte do modelo Nexus 6, a geração de replicantes retratada pelo filme, ele está na base da cadeia corporativa, sugerindo uma ampla rede industrial de fornecedores contratados por Tyrell. Chu e J. F. Sebastian, nosso terceiro cientista, representam todos os outros cientistas que ajudaram na criação dos replicantes. J. F. Sebastian mora em um amplo apartamento, mas é o único inquilino do prédio. Seu lar é escuro, frio e úmido. Esses homens são cidadãos de classe média, retratados como parecidos com boa parte dos outros habitantes da Terra. A diferença entre as casas desses personagens e a casa de Tyrell é notável. Além disso, esses dois cientistas mostram que a ciência não é mais confinada ao universo acadêmico. Agora, os cientistas e seus trabalhos são completamente integrados à cultura de consumo, e precisa prover bens e serviços. O diretor do filme pode ter

extrapolado a América de hoje, em que a cultura de consumo parece controlar toda a sociedade, e, colocando as duas juntas (ciência e tecnologia), criou uma besta ainda maior. Ter a ciência presente no cotidiano e, talvez, como a mais valiosa mercadoria na cultura do filme, é algo que, novamente, aumenta a sua onipotência.

Agora que conhecemos esses cientistas e suas funções no filme, nós precisamos nos fazer uma pergunta ainda mais importante: como se deram essas representações? O diretor Ridley Scott quis que seu filme fosse fiel à sua visão do futuro – e que essa visão fosse plausível. Nós podemos ver pelo design do set que o diretor estava tentando criar um cenário que não parecesse uma visão distante da imaginação de alguém, mas um lugar inspirado em como o futuro poderia realmente ser. Os prédios são criados de maneira a parecerem que foram reformados de novo e de novo, porque Scott achou que seria economicamente mais verossímil e prático acrescentar novas estruturas a edifícios já existentes do que imaginar que eles foram demolidos e reconstruídos totalmente. O prédio que nós mais vemos, o da Tyrell Corporation, é um dos únicos que parecem drasticamente novos, o que, presumivelmente, é uma metáfora para os negócios que acontecem dentro do prédio – também negócios novos, do futuro. Mas até mesmo esse edifício guarda uma forte semelhança com um templo maia, talvez evocando os avanços tecnológicos conquistados pelos maias séculos antes disso.

Com esse verossímil pano de fundo estabelecido, agora nós precisamos questionar se os cientistas e as práticas científicas permanecem fiéis a essa visão. Considerando que se trata de um filme, primeiramente nós precisamos pesquisar se há precedentes determinados na literatura que nos levariam a ficar mais confortáveis com as decisões do diretor. No livro de Roslynn Haynes “From Faust to Strangelove”, temos muitos exemplos de peças literárias que sustentam significativas similaridades com os personagens de “Blade Runner”, além da lógica por trás das razões pessoais que levam os autores a escrever uma história do jeito que escrevem. Há uma relação direta entre o roteiro de “Blade Runner” e “Berge, Meere und Giganten” de Alfred Doblin, de 1924. Haynes nos diz que na história de Doblin, cientistas industriais e grupos de pesquisa assumiram completamente o controle da sociedade. A parceria entre Tyrell e a polícia ilustra a mesma circunstância em “Blade Runner”. Em uma das primeiras cenas do filme, o chefe de polícia mostra uma óbvia parceria com Tyrell. O teste psicológico conduzido pela polícia para determinar se uma pessoa é real ou replicante parece ser bastante comum nessa sociedade. Supostamente, a polícia o utiliza para encontrar os replicantes de Tyrell, mas nós podemos imaginar que o teste poderia ser utilizado também

para qualquer outro tipo de plano maligno. Sozinho, Tyrell criou essa sociedade. E, junto da polícia, ele pode controlar essa sociedade. O próprio chefe de polícia disse a Deckard: “Se você não é policial, é um zé-ninguém!”, ilustrando esse ponto.

Aldous Huxley, um dos mais famosos e brilhantes escritores de ficção científica de todos os tempos, também tem muitas histórias que se relacionam com a distopia de “Blade Runner”. Huxley também escreveu ensaios explicando suas crenças sobre suas histórias. Em um desses ensaios, intitulado “Jesting Pilate”, ele escreveu: “Eles [a humanidade] têm exigido uma prova intelectual, lógica e ‘científica’ de sua existência... Quando você começa sua argumentação a partir de premissas determinadas pelo materialismo científico, isso apenas não pode ser descoberto. De fato, qualquer argumento que se inicie por essas premissas precisa necessariamente terminar na negação da real existência de valores”. Os replicantes, provavelmente os únicos verdadeiros rebeldes contra a sociedade do filme, ilustram essa ideia em suas ações. A sociedade em que eles estão, que é permanentemente entrelaçada à ciência, os criou. E agora eles estão em busca, através dessa sociedade, de compreender sua existência e dar continuidade a ela. Mas, uma vez que sua existência é baseada nestes princípios científicos, eles falham - e sempre falharão - em busca de respostas. Em “Admirável Mundo Novo”, Huxley não nomeia cientista algum, ilustrando seu argumento de perda de individualidade e de a ciência ser tão penetrante, invasiva. Chu e J. F. Sebastian representam esses cientistas-sem-nome de “Admirável Mundo Novo”. Eles são parte do sistema, mas tão comuns e ordinários quanto um encanador ou mecânico de carros hoje em dia. Não que isso signifique que os encanadores e mecânicos não são indivíduos ou especiais; a ideia é ilustrar que um engenheiro genético do futuro vive e trabalha no mesmo nível socioeconômico que essas outras ocupações, com os mesmos níveis de respeito por essas ocupações.

Além das origens da trama serem encontradas em fontes literárias, há também um precedente de verossimilhança encontrado em textos e exemplos de um de nossos mais influentes intelectuais. Sigmund Freud, em 1929, escreveu um cáustico ensaio sobre a ciência e seu propósito na sociedade. O livro, intitulado “Das Unbehagen in der Kultur” (O mal-estar na cultura, na tradução), reúne ensaios sobre a ciência e nosso vão esforço para dominar “o instinto humano de agressão e autodestruição” (HOLTON, 1995). Em outro trecho do livro, ele detalha a constante batalha interna do homem entre Eros e a Morte, o instinto de vida e o instinto de destruição. Nós vemos essa batalha ser travada nos replicantes - e ainda mais em

Deckard. Em “Blade Runner”, os replicantes estão buscando pela vida, mas a única maneira de conseguir isso é deixando um rastro de destruição por onde passam. Eles agem como metáforas da sociedade que os criou. Da mesma maneira, nossa sociedade, em sua luta para a civilidade, também continua a destruir - algo que vemos continuamente todos os dias ao redor do mundo. Deckard trava essa guerra em seu íntimo também. Sua missão é encontrar todos os replicantes e “aposentá-los”, mas ele se depara com um problema: seu interesse amoroso, Rachel, também é uma replicante, embora a duração de sua vida seja desconhecida. Enquanto Deckard persegue e mata os quatro replicantes rebeldes, ele é arrasado por seu amor por Rachel. Nele, ao contrário do que acontece com os replicantes e a sociedade em geral, Eros vence, já que ele e Rachel deixam o apartamento juntos ao final do filme. Mas nós não temos como saber ao certo o que acontece, especialmente nesse mundo futurista, um mundo de “acelerada degeneração”, como a replicante Pris afirma. Freud também escreve que, embora a ciência e a tecnologia tenham surgido para nos proteger de nosso ambiente hostil, agora elas existem apenas para satisfazer desejos egoístas. Freud afirma que que, basicamente, elas nos permitem brincar de ser Deus. Em “Blade Runner”, o líder do mundo científico, Tyrell, revela todos os sinais de um homem brincando de ser Deus. O lema de sua companhia é “Mais humano que humano”, o que é o mesmo que dizer que eles podem fabricar novas criaturas, melhores que as feitas pelo próprio Criador. Tudo ao redor de Tyrell transmite a ideia de sua onipotência, como descrito anteriormente neste artigo.

Gerald Holton, em seu livro “Einstein, History and Other Passions”, fala sobre as ideias de Isaiah Berlin, quem ele diz ser “um dos mais sensíveis e humanos historiadores de ideias”. Berlin escreve que há dois fatores marcantes em nosso século: o impressionante progresso em ciência e tecnologia e também a proliferação de ideologias que formataram as mentes de tantas pessoas, como o racismo, o nacionalismo e o fanatismo. Uma vez mais, quando olhamos para “Blade Runner”, nós vemos exatamente essas duas coisas ocorrendo. Os avanços tecnológicos que permitiram a criação dos replicantes, assim como o preconceito contra eles e seu uso como escravos.

Finalmente, em um ensaio intitulado “Technology and Politics in the Blade Runner Dystopia”, de autoria de Judith B. Kerman, a autora investiga a verdade factual da história ao entrevistar o diretor Ridley Scott e ao pesquisar outros textos pertinentes. Kerman aponta as discrepâncias nas condições de moradia, como o fato de que J. F. Sebastian vive em um enorme apartamento em um prédio vazio, enquanto há uma óbvia superlotação no nível da

rua. Kerman explica essa possível falha citando Marx. Ela escreve que tal contradição é apontada por Marx como um inevitável e irracional problema criado pelo capitalismo. A proliferação de armas criadas para nunca serem utilizadas e a prosperidade obtida às custas de desempregados e desfavorecidos são exemplos dessa contradição capitalista que Marx destaca. É por meio do trabalho das massas do nível da rua e dos replicantes que as classes superiores são capazes de explorar o espaço. Embora Scott nunca tenha dito que estava tentando fazer um filme marxista, o fato de ele ser inglês e possuir o ponto de vista de um estrangeiro lhe permite ver os problemas na sociedade estadunidense. Ao fazer isso, ainda que inconscientemente, ele criou uma mordaz crítica à nossa sociedade. Scott ultrapassou as atuais tendências em que grandes corporações controlam boa parte do mercado capitalista - e controlam também a regulamentação governamental sobre essas grandes companhias. Essa é outra razão para vermos a proximidade entre Tyrell e a polícia. Mas, em vez de usar o esteriótipo de um dinâmico e controlador homem de negócios, líder de uma grande empresa, o diretor criou um gênio, um cientista que inventou um produto que permitiu a sua ascensão ao topo, neste caso, da sociedade. E, quando vemos Bill Gates e outros designers em computação criarem imensos impérios a partir de suas invenções, o personagem de Tyrell não parece tão distante da realidade.

Histórias de ficção científica que se passam no futuro constantemente estão muito distantes no futuro para que pareçam possíveis a partir da realidade no presente. “Blade Runner”, embora se passe no futuro, é tão cuidadosamente construído que elimina esse temor quase que completamente. O filme pode ser compreendido, artisticamente, a partir da investigação sobre a ciência e sobre cientistas na literatura que o precedeu. Seu cenário e seus personagens podem ser historicamente encontrados no mundo literário. Além disso, também é verossímil se comparado a eventos que aconteceram neste século. A estrutura da sociedade, centrada ao redor dos avanços científicos e tecnológicos, parece ser uma tendência que está se fortalecendo neste mesmo momento. A descoberta da clonagem em laboratórios pode facilmente ser compreendida como uma precursora dos replicantes geneticamente manipulados do filme. A principal e contundente diferença entre nossa sociedade atual e aquela do filme é que, na virada do século, houve uma guerra nuclear. Com sorte, essa diferença vai permanecer. No mais, a ciência e os cientistas do filme podem muito bem ser a ciência e os cientistas de um amanhã não tão distante.

## Referências

BASS, Thomas. *Reinventing The Future*. Addison-Wesley Publishing, 1994.

HAYNES, Roslynn D. *From Faust To Strangelove: Representations of the Scientist in Western Literature*. Baltimore, Maryland: Johns Hopkins University Press, 1994.

HOLTON, Gerald. *Einstein, History, and Other Passions*. Woodbury, NY: American Institute of Physics, 1995.

KERMAN, Judith. *Retrofitting Blade Runner*. Bowling Green, OH: Bowling Green State University Popular Press, 1991.

ROBINSON, Kim. *The Novels of Philip K Dick*. Ann Arbor, MI: UMI Research Press, 1984.

VELIKHOV, E.P. *Science, Technology and the Future*. New York, NY: Pergamon Press, 1980.